

# ANTOLOGIA DE AUTORES DA CPLP

MAIO DE 2012

**IC**  
INSTITUTO  
CAMÕES  
PORTUGAL  
INSTITUTO DAS LINGUAS ESTRANGEIRAS

Coordenação  
do Ensino Português no Reino Unido  
Ministério dos Negócios Estrangeiros | Ministério da Educação



A presente antologia tem como objectivo a divulgação de textos de autores de língua portuguesa dos diferentes países da CPLP. Como em qualquer seleção, corremos o risco de ser injustos para com os excluídos. No entanto, limitados pelo espaço e a pensar no público a que nos dedicamos, tivemos de escolher.

Fizemo-lo a pensar nos textos que os alunos do ensino de Português no Reino Unido e Ilhas do Canal possam gostar de ler, em casa, sozinhos, com os seus professores, de forma a que conheçam os diferentes matizes, sons, cores, da língua portuguesa em todos os continentes em que é falada.

A nossa é uma língua viajada e com sabor a mar, aqui e ali temperada ao gosto de cada um, Que seja um gosto a leitura destes textos, para todos, como o é para nós falar português.

Para os professores, fica o desafio das portas que esta coletânea abre: para ilustrar, ler em voz alta, ler em grupo, discutir, saborear e partilhar leituras.

Londres, 5 de maio de 2012  
Regina dos Santos Duarte



Poesia

Costa Alegre	<i>Passa uma inglesa</i>
José Craveirinha	<i>Remendos de estrelas</i>
Manuel António Pina	<i>História de uma conta de somar</i>
Lídia da Fonseca	<i>Naufrágio</i>
Eusébio Sanjane	<i>Não posso dizer adeus</i>
Olinda Beja	<i>Quem Somos?</i>
Fernando Sylvan	<i>Infância</i>
Francisco José Tenreiro	<i>Coração</i>
António Baticã Ferreira	<i>Mar</i>
Cecília Meireles	<i>A canção do nhem</i>
Fernando Pinto do Amaral	<i>Brincadeira</i>
Maria Eugénia Lima	<i>Quitandeira de Luanda</i>
Cecília Meireles	<i>Isto ou Aquilo</i>
Ernesto Lara Filho	<i>Seripipi de Benguela</i>
Vinicius de Moraes	<i>Relógio</i>
Cleonice Rainho	<i>A Pipa e o Vento</i>
Marcelo da Veiga	<i>Pué-rupé</i>
António Jacinto	<i>O Comboio malandro</i>
Cecília Meireles	<i>O Último Andar</i>
Fernando Pessoa	<i>As fadas</i>
Nuno Bermudes	<i>Domingo</i>
Ruth Rocha	<i>As coisas que a gente fala</i>
Erico Veríssimo	<i>Uma Carta</i>

Contos

Lúis Bernardo Honwana	<i>As mãos dos pretos</i>
José Eduardo Agualusa	<i>A Última Fronteira</i>
Mia Couto	<i>O Gato e o escuro</i>
Lúis Fernando Veríssimo	<i>ABC</i>
José Saramago	<i>Embargo</i>

## **PASSA UMA INGLESA**

Passa uma inglesa,  
E logo acode,  
Toda supresa:  
What black my God!

Se é espanhola,  
A que me viu,  
Diz como rola:  
Que alto, Dios mio!

E, se é francesa:  
Ó quel beau negre!  
Rindo para mim.

Se é portuguesa,  
Ó Costa Alegre!  
Tens um atchim!



## REMENDOS DE ESTRELAS

Remendos de estrelas  
passajadas no espaço  
reconstroem todo o céu.

Mãe:

E se não houvesse estrelas  
se o teu ventre mãe não gerasse  
e se o céu em vez de infinito  
fosse de pergamóide azul?

Que espécie de poesia, mãe  
faria um poeta que não renuncia  
exatamente como eu  
à cor com que nasceu?

José Craveirinha (Moçambique)

## HISTÓRIA DE UMA CONTA DE SOMAR

Uma conta de somar  
sensível às coisas belas  
pôs-se a contar as estrelas  
numa noite de luar.

Estava ela a olhar o céu  
somando infinitamente  
quando uma estrela cadente  
luziu e desapareceu...

Com uma parcela cadente  
não estava a conta a contar!  
Que fazer? Passar à frente?  
Contá-la? Não a contar?

Fazer de conta que não  
se dera conta de nada?  
Mas, e depois, a adição?  
Não daria conta errada?

E quando ela fosse dar  
contas à prova dos nove?  
Ia a prova acreditar  
em parcelas que se movem?

E a conta achou-se a contas  
contemplando o céu sereno  
com um problema terreno  
difícil de resolver.

A solução que encontrou  
foi terra-a-terra também:  
quando um problema não tem  
solução já se solucionou...

E, contas feitas, a conta  
decidiu fazer de conta...  
Estava a contar estrelas,  
não a tomar conta delas!

Fingiu, pois, que não deu conta  
da escapadela da estrela,  
afinal a vida dela  
não era da sua conta!

Só que enquanto fazia  
tais contas à conta dela  
a manhã amanhecia  
e apagavam-se as estrelas.

Nasceu o sol, fez-se dia,  
e o quadro negro do céu  
aonde a conta fazia  
contas desapareceu...

Nunca antes uma conta  
teve tanto que contar  
como a conta de somar  
que quis contar as estrelas.

Manuel António Pina (Portugal)



## NAUFRÁGIO

Formiguinha preta, preta  
Na folhinha verde, verde

A folhinha rio abaixo  
lembra um barco a navegar;

Veio o vento e deu na folha  
logo a folha se voltou;

Tua folha, formiguinha,  
como um barco naufragou.

Lília da Fonseca (Angola)

## NÃO POSSO DIZER ADEUS

Todas as manhãs invento um novo motivo para permanecer, enquanto lá fora cruéis as aves me ensinam a partir. Não posso dizer adeus. Aqui as noites são menos gélidas, e as madrugadas, cálidas embalam o meu medo de me aventurar.

Não posso dizer adeus. Nunca ninguém me ensinou o seu real sentido, mas se este é realmente o teu desejo, eu irei, sem no entanto, provar a dor da despedida, pois não posso dizer adeus. O olhar, volvendo compungido, atrás, meu porto de partida e chegada jaz, fulmina-se também o calor da primeira habitação.

Em meu peito, tudo está gasto, menos o silêncio. Enfio a mão na algibeira do casaco, e já não encontro tudo aquilo que outrora tínhamos um para o outro.

Eusébio Sanjane (Moçambique)





## QUEM SOMOS?

O mar chama por nós, somos ilhéus!  
 Trazemos nas mãos sal e espuma  
 cantamos nas canoas  
 dançamos na bruma

somos pescadores-marinheiros  
 de marés vivas onde se escondeu  
 a nossa alma ignota  
 o nosso povo ilhéu

a nossa ilha balouça ao sabor das vagas  
 e traz a espriar-se no areal da História  
 a voz do gandu  
 na nossa memória...

Somos a mestiçagem de um deus que quis mostrar  
 ao universo a nossa cor tisonada  
 resistimos à voragem do tempo  
 aos apelos do nada

continuaremos a plantar café cacau  
 e a comer por gosto fruta-pão  
 filhos do sol e do mato  
 arrancados à dor da escravidão

Olinda Beja (S. Tomé e Príncipe)

## INFÂNCIA

as crianças brincam na praia dos seus pensamentos  
e banham-se no mar dos seus longos sonhos

a praia e o mar das crianças não têm fronteiras

e por isso todas as praias são iluminadas  
e todos os mares têm manchas verdes

mas muitas vezes as crianças crescem  
sem voltar à praia e sem voltar ao mar.

Fernando Sylvan (Timor)



## CORAÇÃO

Caminhos trilhados na Europa  
de coração em África.

Saudades longas de palmeiras vermelhas verdes amarelas  
tons fortes da paleta cubista  
que o sol sensual pintou na paisagem;  
saude sentida de coração em África

ao atravessar estes campos do trigo sem bocas  
das ruas sem alegria com casas cariadas  
pela metralha míope da Europa e da América  
da Europa trilhada por mim negro de coração em África.  
De coração em África na simples leitura dominical  
dos períodos cantando na voz ainda escaldante da tinta  
e com as dedadas de miséria dos ardinias das cities boulevards  
[e baixa da Europa  
trilhada por mim Negro e por ti ardina  
cantando dizia eu em sua voz de letras as melancolias do  
[orçamento que não equilibra  
do Benfica venceu Sporting ou não  
ou antes ou talvez seja que desta vez vai haver guerra  
para que nasçam flores roxas de paz  
com fitas de veludo e caixões de pinho;  
oh as longas páginas do jornal do mundo  
são folhas enegrecidas de macabro clue  
com mourarias de facas e guernicas de toureiros.  
Em três linhas (sentidas saudades de África) –  
Mac Gee cidadão da América e da democracia  
Mac Gee cidadão Negro e da negritude  
Mac Gee cidadão Negro da América e do Mundo Negro  
Mac Gee fulminado pelo coração endurecido feito cadeira eléctrica  
(do cadáver queimado de Mac Gee do seu coração em África  
[e sempre vivo  
floriram flores vermelhas flores vermelhas flores vermelhas

e também azuis e também verdes e também amarelas  
na gama policroma da verdade do Negro  
na inocência de Mac Gee) – ;  
três linhas no jornal como falso cartão de pêsames.

Caminhos trilhados na Europa  
de coração em África.

De coração em África com o grito seiva bruta dos poemas de Guillén  
de coração em África com a impetuosidade viril de I tôo am América  
de coração em África com as árvores renascidas em todas estações

[nos belos poemas de Diop

de coração em África nos rios antigos que o Negro conheceu e no

[mistério do Chaka-Senghor

de coração em África contigo amigo Joaquim quando em versos

[incendiários

cantaste a África distante do Congo da minha saudade do Congo

[de coração em África

de Coração em África ao meio-dia do dia de coração em África

com o Sol sentado nas delícias do zênite

reduzindo a pontos as sombras dos Negros.

Amodorrando no próprio calor da reverberação os mosquitos

[da nocturna picadela.

De coração em África em noites de vigília escutando o olho

[mágico do rádio

e a rouquidão sentimento das inarmonias de Armstrong.

De coração em África em todas as poesias gregárias ou escolares

[que zombam

e zumbem sob as folhas de couve da indiferença

mas que têm a beleza das rodas de crianças com papagaios garridos

e jogos de galinha branca vai até França

que cantam as volutas dos seios e das coxas das negras e mulatas

de olhos rubros como carvões verdes acesos.

De coração em África trilho estas ruas nevoentas da cidade

de África no coração e um ritmo de be bop be nos lábios

enquanto que à minha volta sussura olha o preto (que bom) olha

[um negro (ótimo) olha um mulato

[(tanto faz) olha um moreno (ridículo)





Deixa-me coração louco

Deixa-me acreditar no grito de esperança lançado pela paleta

[viva de Rivera

E pelos oceanos de ciclones frescos das odes de Neruda;

deixa-me acreditar que do desespero másculo de Picasso sairão

[pombas

que como nuvens voarão os céus do mundo de coração em África.

Francisco José Tenreiro (S. Tomé)



## O MAR

Olhai: o Mar tem influência singular  
Sobre mim. Os animais aquáticos são tantos  
Valia a pena persegui-los no mar alto;

Valia a pena vê-los saltar através das ondas.

O Mar, esse mundo que os homens não habitam,  
É imenso, tão belo e tão perfeito!  
O Mar tem influência singular  
Sobre mim. Eu bem queria ir ver as ondas;

Valia a pena olhá-las a correr  
Loucamente; valia a pena  
Ver qual delas primeiro entrava na baía.

Ah!, o Mar vasto, no entanto, aqui nos fala  
Sim, fala-nos interiormente,  
E nos compreendemos a sua língua:  
E uma língua que se entende.

(Ah!, que impressão nos faz o Mar!)

António Baticã Ferreira (Guiné-Bissau)

## A CANÇÃO DO NHEM

Havia uma velhinha  
que andava aborrecida  
pois dava a sua vida  
para falar com alguém.

E estava sempre em casa  
a boa velhinha  
resmungando sozinha:  
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

O gato que dormia  
no canto da cozinha  
escutando a velhinha,  
principiou também  
a miar nessa língua  
e se ela resmungava,  
o gatinho a acompanhava:  
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

Depois veio o cachorro  
da casa da vizinha,  
pato, cabra e galinha  
de cá, de lá, de além,  
e todos aprenderam  
a falar noite e dia  
naquela melodia  
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...





De modo que a velhinha  
que muito padecia  
por não ter companhia  
nem falar com ninguém,  
ficou toda contente,  
pois mal a boca abria  
tudo lhe respondia:  
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

## BRINCADEIRA

Brinca comigo à procura  
de uma estrela noutro céu  
Brinca e lava a noite escura  
com os sonhos que Deus te deu  
Começa devagarinho  
- por favor, não tenhas medo,  
que o meu coração fez ninho  
dentro do teu em segredo  
Acorda os anjos que dormem  
com a luz do teu sorriso  
Faz com que não se conformem  
e saiam do paraíso  
Deixa-os entrar de repente  
no teu quarto, a esta hora  
em que a verdade mais quente  
é o sono que te devora  
Brinca comigo às escuras,  
ensina-me o que não sei  
Onde estás? Porque procuras  
o coração que te dei?

Fernando Pinto do Amaral (Portugal)



## QUITANDEIRA DE LUANDA

Eh! laranjinha, ´aranjinha boa  
mia siôa!

Vem de longe, do Catete,  
onde há batuque e quitende.  
Vem de longe o seu sorriso,  
sorriso que se intromete  
sem querer nos olhos da gente..

Vem de longe o seu sorriso  
sempre fresco, sempre aberto.

E o passo ligeiro, certo,  
batendo a terra encarnada  
já quente ao sol matutino,  
revela em cada pegada  
o mover airoso, fino,  
de uma rainha ignorada.

Leva colar de missanga,  
panos de garrida cor.  
E nos lábios - a verter  
tom de madura pitanga -  
a promessa de um amor  
que é razão do seu viver.

Leva colar de missanga  
panos de garrida cor.

Eh! laranjinha, ´aranjinha boa  
mia siôa!

Cantando caju ou manga,  
maboque, ananás, mamão,  
Alta e baixa de Luanda,  
o Muceque e Sambizanga  
reconhecem-lhe o pregão.

E afirmam certos poetas  
que a magia dessas cores  
que lhe enfeitam a quitanda,  
se derramou das paletas  
de exotíssimos pintores.  
Dengosa p´la estrada fora,  
mal irrompe o claro dia,  
com tanta graça apregoa  
que a própria aurora  
é nela que se anuncia!  
Eh! laranjinha, ´aranjinha boa  
mia siô...ô...a!

Maria Eugénia Lima ( Angola)



## ISTO OU AQUILO

Ou se tem chuva e não se tem sol  
ou se tem sol e não se tem chuva!

Ou se calça a luva e não se põe o anel,  
ou se põe o anel e não se calça a luva!

Quem sobe nos ares não fica no chão,  
quem fica no chão não sobe nos ares.

É uma grande pena que não se possa  
estar ao mesmo tempo em dois lugares!

Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,  
ou compro o doce e gasto o dinheiro.

Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo . . .  
e vivo escolhendo o dia inteiro!

Não sei se brinco, não sei se estudo,  
se saio correndo ou fico tranqüilo.

Mas não consegui entender ainda  
qual é melhor: se é isto ou aquilo.

Cecília Meireles (Brasil)

## **SERIPIPI DE BENGUELA**

Eh! Seripipi de Benguel  
Escuta aquela  
canção.

Parece pardal de Luanda  
cantando na escuridão.

Levanta voo, seripipi  
Do galho desta prisão.  
Leva no bico uma esperança  
Ao ninho do teu irmão.

Ernesto Lara Filho (Angola)



## RELÓGIO

Passa tempo, tic-tac Tic-tac, passa, hora  
 Chega logo tic-tac Tic-tac, e vai-te embora  
 Passa, tempo  
 Bem depressa  
 Não atrasa  
 Não demora  
 Que já estou Muito cansado  
 Já perdi  
 Toda a alegria  
 De fazer  
 Meu tic-tac  
 Dia e noite  
 Noite e dia  
 Tic-tac Tic-tac  
 Tic.-tac

Vinicius de Moraes (Brasil)

## A PIPA E O VENTO

Aprumo a máquina,  
dou linha à pipa  
e ela sobe alto  
pela força do vento.

O vento é feliz  
porque leva a pipa,  
a pipa é feliz  
porque tem o vento.

Se tudo correr bem,  
pipa e vento,  
num lindo momento,  
vão chegar ao céu.

Cleonice Rainho (Brasil)





## PUÉ-RUPÉ

Meteu fato novo;  
 Sapato a luzir  
 Que lhe parece espelho,  
 Wé!  
 Como vai vermelho,  
 Como joga o braço,  
 Como joga o pé!

As moças cochicam:  
 ‘Nem parece o mesmo’  
 ‘Tão limpo e lavado’  
 Wé!...  
 ‘Nem olha para o lado!’  
 ‘Como joga o braço’  
 ‘Como joga o pé!...’

‘Ó senhor!, diz uma:  
 ‘J’s não fala à gente’  
 ‘Nem olha, Senhor?’  
 ‘Wé!...’

Sum D’ministrado...’  
 ‘Como joga o braço’  
 ‘Como joga o pé!’

Mas ele não fala –  
 Mas ele não olha,  
 Ele segue só...  
 ‘Wé!...’  
 Como cheira a obó  
 Como torce o corpo,  
 Como joga o pé!

Marcelo da Veiga  
 (Ilha do Príncipe)

## O COMBOIO MALANDRO (EXCERTO)

Esse comboio malandro  
passa  
passa sempre com a força dele  
ué ué ué  
hii hii hii  
te-quem-tem te-que-tem te-quem-tem  
o comboio malandro  
passa

Nas janelas muita gente  
ai bô vaje

adeujo homée  
n'ganas bonitas  
quitadeiras de lenço encarnado  
levam cana no Luanda pra vender

hii hii hii  
aquele vagon de grades tem bois  
muú muú muú

tem outro  
igual como este dos bois  
leva gente,  
muita gente como eu  
cheio de poeira



gente triste como os bois  
gente que vai no contrato

Tem bois que morre no viaje  
mas o preto não morre  
canta como é criança  
"Mulonde iá kessua uádibalé  
uádibalé uádibalé..."  
Esse comboio malandro  
sozinho na estrada de ferro  
passa  
passa  
sem respeito  
ué ué ué  
com muito fumo na trás  
hii hii hii  
te-quem-tem te-quem-tem te-quem-tem

## O ÚLTIMO ANDAR

No último andar é mais bonito:  
do último andar se vê o mar.  
É lá que eu quero morar.

O último andar é muito longe:  
custa-se muito a chegar.  
Mas é lá que eu quero morar.

Todo o céu fica a noite inteira  
sobre o último andar  
É lá que eu quero morar.

Quando faz lua no terraço  
fica todo o luar.  
É lá que eu quero morar.

Os passarinhos lá se escondem  
para ninguém os maltratar:  
no último andar.

De lá se avista o mundo inteiro:  
tudo parece perto, no ar.  
É lá que eu quero morar:  
no último andar.

Cecília Meireles (Brasil)



## AS FADAS

Do seu longínquo reino cor-de-rosa,  
 Voando pela noite silenciosa,  
 A fada das crianças vem, luzindo.  
 Papoulas a coroam, e, cobrindo  
 Seu corpo todo, a tornam misteriosa.  
 À criança que dorme chega leve,  
 E, pondo-lhe na frente a mão de neve,  
 Os seus cabelos de ouro acaricia -  
 E sonhos lindos, como ninguém teve,  
 A sentir a criança principia.

E todos os brinquedos se transformam  
 Em coisas vivas, e um cortejo forma:  
 Cavalos e soldados e bonecas,  
 Ursos e pretos, que vêm, vão e tornam,  
 E palhaços que tocam em rabecas...

E há figuras pequenas e engraçadas...  
 Que brincam e dão saltos e passadas...  
 Mas vem o dia, e, leve e graciosa,  
 Pé ante pé, volta a melhor das fadas  
 Ao seu longínquo reino cor-de-rosa.

Fernando Pessoa (Portugal)

## DOMINGO

Em cada praça um aceno,  
Em cada rua um sorriso,  
Em cada esquina uma esperança  
O Pungué lembra-me o Reno,  
Europeu é o chão que piso,  
Caminho como quem dança,  
Amo a vida porque sim.

Mas nem todos os domingos  
São assim

Nuno Bermudes (Moçambique)



## AS COISAS QUE A GENTE FALA

As coisas que a gente fala  
saem da boca da gente  
e vão voando, voando,  
correndo sempre pra frente.  
Entrando pelos ouvidos  
de quem estiver presente.  
Quando a pessoa presente  
É pessoa distraída  
Não presta muita atenção.  
Então as palavras entram  
E saem pelo outro lado  
Sem fazer complicação.

Mas às vezes as palavras  
Vão entrando nas cabeças,  
Vão dando voltas e voltas,  
Fazendo reviravoltas  
E vão dando piruetas.  
Quando saem pela boca  
Saem todas enfeitadas.  
Engraçadas, diferentes,  
Com palavras penduradas.

Mas depende das pessoas  
Que repetem as palavras.  
Algumas enfeitam pouco.  
Algumas enfeitam muito.

[...]

Eu vou contar pra vocês  
O que foi que aconteceu,  
No dia em que a Gabriela  
Quebrou o vaso da mãe dela  
E acusou o Filisteu.

Neste dia, por acaso, a Dona  
Felicidade encontrou seu lindo  
vaso reduzido a quantidade de  
caquinhos e pedaços de grande  
variedade.

- Quem foi que quebrou meu  
vaso?

Meu vaso de ouro e laquê,  
Que eu conquistei no concurso,  
No concurso de crochê?

- Quem foi que quebrou seu  
vaso?

- a Gabriela respondeu  
- quem quebrou seu vaso foi...  
o vizinho, o Filisteu.

Pronto! Lá vão as palavras!  
Vão voando, vão voando...  
Entrando pelos ouvidos  
De quem estiver passando.  
Então entram pelo ouvido  
De dona Felicidade:  
- o Filisteu? Que bandido!  
que irresponsabilidade!

As palavras continuam  
A voar pela cidade.  
Vão entrando nos ouvidos  
De gente de toda idade.  
E aquilo que era mentira  
Até parece verdade...

Seu Golias, que é vizinho  
De dona Felicidade,,  
E que é o pai do Filisteu,  
Ao ouvir que o filho seu  
Cometeu barbaridade,  
Fica danado da vida,  
Invente logo um castigo,  
Sem tamanho, sem medida!

Filisteu, que já sabia  
Do que tinha acontecido,  
Ficou muito chateado!  
Ficou muito aborrecido!  
E correu logo pro lado,  
Pra casa de Gabriela:  
- Que papelão você fez!  
Me deixou em mal estado,  
Com essa mentira louca  
Correndo por todo lado.  
Você tem que dar um jeito!  
Recolher essa mentira  
Que em deixa atrapalhado!

Gabriela era levada,

Mas sabia compreender  
As coisas que a gente pode  
E as que não pode fazer;  
E a confusão que ela armou,  
Saiu para resolver.

Gabriela foi andando.  
E as mentiras que ela achava  
Na sacola ia guardando.  
Mas cada vez mais mentiras  
O vento ia carregando...  
Gabriela encheu sacola,  
Bolsa de fecho de mola,  
Mala, malinha, maleta.

E quanto mais ia enchendo,  
Mais mentiras ia vendo,  
Voando, entrando nas casas,  
Como se tivessem asas,  
Como se fossem - que coisa!  
- um milhão de borboletas!  
[...]

Todo mundo em volta dela  
Perguntava o que é que havia.  
Por que chora Gabriela?  
Por que toda esta agonia?  
Gabriela olhou pro céu  
E renovou a aflição.  
E gritou com toda força  
Que tinha no seu pulmão:  
- Foi mentira!  
- Foi mentira!

Ruth Rocha (Brasil)





## UMA CARTA

Queridos pais:

Suspira.

A chuva bate na vidraça, a água escorre pelos vidros. Na cozinha siá Andresa acende o fogo para o café da tarde. Tia Zina, mangas arregaçadas, rala coco para fazer o doce da sobremesa. Clarissa enxerga a cozinha pelo desvão da porta. As lascas de coco, muito brancas, saltam do ralo e se amontoam no prato.

Clarissa baixa os olhos, pensando nos deliciosos doces de coco da tia Zina. Continua:

“Estou com uma saudade tão grande de vocês”

Deve botar ponto de admiração, ponto final ou três pontos? Não tem importância. Lá vai... uma admiração. Fica mais bonito. A professora de Português disse que o ponto de admiração indica uma exclamação, serve também para dar mais força ao que se escreve. Pois bem. A saudade é uma coisa forte, muito forte mesmo.

“Estou com uma saudade tão grande de vocês!”

E depois o pai e a mãe não reparam, nunca estiveram em escola secundária, não fazem caso da gramática...

“Felizmente agora as férias estão

Pertos ou perto? Caneta na boca, olhar vago, Clarissa procura solução para o problema. Por fim decide escrever - perto. Segue:

“A tia Zina e o tio Couto vão bem e mandam muitas lembranças ... O tio Couto, coitado,...

Sorri. Couto coitado... Que figura é esta? Que vício de linguagem? Cacófaton? Não. Porque não forma nome feio. Couto coitado... Pleonasma? Também não. -... O tio Couto, coitado, ainda não arrumou emprego. E o senhor, papai, já vendeu o gado? Tenho

tirado muitas notas boas, no exame só tenho medo da aritmética, mas se Deus quiser e a Virgem Santíssima hei-de sair aprovada se não cair regra de três composta, porque simples eu sei bem...”

Isto tudo lhe sai dum jacto. E agora que dizer? Ocorre-lhe, de súbito, uma lembrança:

...Faltam só quinze dias para o meu aniversário, estou muito satisfeita, a tia Zina prometeu fazer montanha-russa, aquele doce que eu gosto... Fiquei muito contentíssima porque a senhora, mamãe deu licença para eu botar sapato de salto alto quando fizer catorze anos.”

Clarissa levanta a caneta e olha com ternura para o que escreveu. A chuva lá fora está mais forte. Ouve-se o tamborilar da água nas folhas do arvoredor, no telhado, nas pedras, no chão. Outra vez o vento.



## AS MÃOS DOS PRETOS

"Já nem sei a que propósito é que isso vinha, mas o Senhor Professor disse um dia que as palmas das mãos dos pretos são mais claras do que o resto do corpo porque ainda há poucos séculos os avós deles andavam com elas apoiadas ao chão, como os bichos do mato, sem as exporem ao sol, que lhes ia escurecendo o resto do corpo. Lembrei-me disso quando o Senhor Padre, depois de dizer na catequese que nós não prestávamos mesmo para nada e que até os pretos eram melhores do que nós, voltou a falar nisso de as mãos deles serem mais claras, dizendo que isso era assim porque eles, às escondidas, andavam sempre de mãos postas, a rezar. Eu achei um piadão tal a essa coisa de as mãos dos pretos serem mais claras que agora é ver-me a não largar seja quem for enquanto não me disser porque é que eles têm as palmas das mãos assim tão claras. A Dona Dores, por exemplo, disse-me que Deus fez-lhes as mãos assim mais claras para não sujarem a comida que fazem para os seus patrões ou qualquer outra coisa que lhes mandem fazer e que não deva ficar senão limpa. O Senhor Antunes da Coca-Cola, que só aparece na vila de vez em quando, quando as coca-colas das cantinas já tenham sido todas vendidas, disse-me que tudo o que me tinham contado era aldrabice. Claro que não sei se realmente era, mas ele garantiu-me que era. Depois de eu lhe dizer que sim, que era aldrabice, ele contou então o que sabia desta coisa das mãos dos pretos. Assim: "Antigamente, há muitos anos, Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo, Virgem Maria São Pedro, muitos outros santos, todos os anjos que nessa altura estavam no céu e algumas pessoas que tinham morrido e ido para o céu, fizeram uma reunião e decidiram fazer pretos. Sabes como? Pegaram em barro, enfiaram-no em moldes usados e para cozer o

barro das criaturas levaram-nas para os fornos celestes; como tinham pressa e não houvesse lugar nenhum, ao pé do brasido, penduraram-nas nas chaminés. Fumo, fumo, fumo e aí os tens escurinhos como carvões. E tu agora queres saber porque é que as mãos deles ficaram brancas? Pois então se eles tiveram de se agarrar enquanto o barro deles cozia?!”. Depois de contar isto o Senhor Antunes e os outros Senhores que estavam à minha volta desataram a rir, todos satisfeitos. Nesse mesmo dia, o Senhor Frias chamou-me, depois de o Senhor Antunes se ter ido embora, e disse-me que tudo o que eu tinha estado para ali a ouvir de boca aberta era uma grandessíssima pêta. Coisa certa e certinha sobre isso das mãos dos pretos era o que ele sabia: que Deus acabava de fazer os homens e mandava-os tomar banho num lago do céu. Depois do banho as pessoas estavam branquinhas. Os pretos, como foram feitos de madrugada e a essa hora a água do lago estivesse muito fria, só tinham molhado as palmas das mãos e as plantas dos pés, antes de se vestirem e virem para o mundo. Mas eu li num livro que por acaso falava nisso, que os pretos têm as mãos assim mais claras por viverem encurvados, sempre a apanhar o algodão branco de Virgínia e de mais não sei aonde. Já se vê que a Dona Estefânia não concordou quando eu lhe disse isso. Para ela é só por as mãos desbotarem à força de tão lavadas. Bem, eu não sei o que vá pensar disso tudo, mas a verdade é que ainda que calosas e gretadas, as mãos dum preto são sempre mais claras que todo o resto dele. Essa é que é essa! A minha mãe é a única que deve ter razão sobre essa questão de as mãos de um preto serem mais claras do que o resto do corpo. No dia em que falámos disso, eu e ela, estava-lhe eu ainda a contar o que já sabia dessa questão e ela já estava farta de se rir. O que achei esquisito foi que ela não me dissesse logo o que pensava disso tudo, quando eu quis saber, e só tivesse respondido depois de se fartar de ver que eu não me cansava de insistir sobre a coisa, e mesmo assim a chorar, agarrada



à barriga como quem não pode mais de tanto rir. O que ela me disse foi mais ou menos isto: “Deus fez os pretos porque tinha de os haver. Tinha de os haver, meu filho, Ele pensou que realmente tinha de os haver... Depois arrependeu-se de os ter feito porque os outros homens se riam deles e levavam-nos para as casas deles para os pôr a servir como escravos ou pouco mais. Mas como Ele já não os pudesse fazer ficar todos brancos porque os que já se tinham habituado a vê-los pretos reclamariam, fez com que as palmas das mãos deles ficassem exactamente como as palmas das mãos dos outros homens. E sabes porque é que foi? Claro que não sabes e não admira porque muitos e muitos não sabem. Pois olha: foi para mostrar que o que os homens fazem, é apenas obra dos homens... Que o que os homens fazem, é feito por mãos iguais, mãos de pessoas que se tiverem juízo sabem que antes de serem qualquer outra coisa são homens. Deve ter sido a pensar assim que Ele fez com que as mãos dos pretos fossem iguais às mãos dos homens que dão graças a Deus por não serem pretos”. Depois de dizer isso tudo, a minha mãe beijou-me as mãos. Quando fugi para o quintal, para jogar à bola, ia a pensar que nunca tinha visto uma pessoa a chorar tanto sem que ninguém lhe tivesse batido”.

Luís Bernardo Honwana (Moçambique)

## A ÚLTIMA FRONTEIRA

O polícia de fronteiras não compreendeu logo que tinha morrido. Aconteceu durante o sono. Ele sonhava intensamente com qualquer coisa (Camila Pitanga, ovos moles de Aveiro, um veleiro deslizando sobre um mar de esmeralda, pouco importa) quando, de súbito, deu por si numa fila de gente à espera para passar uma fronteira. Supôs sem susto que fosse ainda o mesmo sonho num desdobramento imprevisto. A morte, afinal, é como os sonhos, mas em maior.

Ao polícia de fronteiras pareceu-lhe natural sonhar com fronteiras. Filas de gente. Passaportes. Carimbos. Um sujeito curvo postado numa guarita. Procurou o passaporte. Não o trazia consigo. Isso provocou nele uma certa angústia.

"É apenas um sonho", murmurou para com os seus botões. Mau, também não tinha botões. Estava nu, ele e a restante escumalha parada na fila. Reparou a seguir que o sujeito na guarita trazia presas às costas um enorme par de asas muito brancas. Todo ele, aliás, era de um branco implausível. Um anjo inato, como os das gravuras piedosas da sua velha tia.

"Que porra de sonho!", pensou, e logo se arrependeu do palavrão, ao ver que o anjo erguia o liso rosto transparente, e o fi xava franzindo o sobrolho. Também a escumalha, à sua frente, o olhava num firme rancor, velhos e velhas, e um ou outro jovem com muito mau aspecto. "Havia de ser eu na guarita", voltou a pensar: "e estes tipos não se safavam. Repatriava-os a todos".

Finalmente chegou a sua vez.

"Os seus sentimentos, por favor...", requereu o anjo, num olhar distraído, as costas dobradas ao peso das asas.

"Não é sentimentos, imbecil! É do-cu-men-tos..."



O polícia de fronteiras irritava-se com facilidade. O problema não era dele, como insistia em explicar aos chefes, de cada vez que algum viajante, ofendido, reclamava, o problema era do fígado. Em criança contraíra hepatite por duas vezes e o fígado nunca mais recuperara. Inclusive nos últimos dias vinha passando muito mal. Um cansaço invencível, o branco dos olhos não tão branco assim, como uma camisa encardida, a pele igualmente baça e amarela, a urina espessa. Ah! E aquela irritabilidade que lhe trazia tantos dissabores.

O anjo sacudiu as asas num rápido açoitado, o que nele devia ser um sinal de extremo desagrado.

"Perdão?"

Disse aquilo no esplendoroso idioma de que os anjos se servem para comunicar com os gentios, mas foi como se o tivesse dito, em inglês, um aristocrata inglês da mais alta estirpe:

"I beg your pardon?!"

Com mais esplendor, portanto, e ainda mais panache. O polícia de fronteiras estremeceu:

"Desculpe, foi sem intenção. O meu fígado, sabe?, sofro do fígado."

"Sofria", retorquiu o anjo impassível. "Agora não sofre mais."

O polícia de fronteiras voltou a estremecer. Mau, mas que porra de sonho. E escusa você de franzir o sobrolho, senhor anjo de guarda, e vocês também, maldita escumalha, não me assusta o vosso horror. Que porra de sonho, sim, que porra de sonho! Quero acordar e sair daqui. Fechou os olhos e beliscou-se, com o polegar e o indicador da mão direita, no braço esquerdo. Quando abriu os olhos o anjo ainda estava diante dele, mas parecia agora mais concreto, mais verosímil, do que alguma vez lhe parecera um polícia de fronteiras em qualquer país.

"E então, posso ver os seus sentimentos?"

O polícia de fronteiras sentiu uma imensa vontade de chorar. Percebeu, com violenta lucidez, que não acordaria mais e veio-lhe uma saudade funda das longas filas no aeroporto, do cheiro a suor, do medo no rosto dos caipiras, da pancada seca dos carimbos nos passaportes.

"É um bom sistema o vosso", disse ao anjo. Não o disse com ironia e nem tampouco para lisonjear o outro. Estava a ser sincero: "É um bom sistema, isto de os passageiros se apresentarem todos nus".

"Os seus sentimentos, por favor..."

O polícia de fronteiras olhou para o anjo em silêncio. Um pouco nervoso. A suar. Não era que estivesse a esconder os seus sentimentos. Era que não sabia onde diabo os colocara. O anjo voltou a franzir o sobrolho. Anotou qualquer coisa num enorme caderno de capa branca. "O cavalheiro vai ter de aguardar na sala ao lado", disse numa voz sem remorsos: "Os restantes podem passar".

José Eduardo Agualusa, (Angola)





## O GATO E O ESCURO

Vejam, meus filhos, o gatinho preto, sentado no cimo desta história.

Pois ele nem sempre foi dessa cor.

Conta a mãe dele que, antes, tinha sido amarelo, às malhas e às pintas.

Todos lhe chamavam o Pintalgato.

Diz-se que ficou desta aparência, em totalidade negra, por motivo de um susto.

Vou aqui contar como aconteceu essa trespassagem de claro para escuro.

O caso, vos digo, não é nada claro.

Aconteceu assim:

o gatinho gostava de passear-se nessa linha onde o dia faz fronteira com a noite.

Faz de conta o pôr do Sol fosse um muro.

Faz mais de conta ainda os pés felpudos pisassem o poente.

A mãe se afligia e pedia:

- Nunca atravesse a luz para o lado de lá.

Essa era a aflição dela, que o seu menino passasse além do pôr de algum Sol. O filho dizia que sim, acenava consentindo.

Mas fingia obediência.

Porque o Pintalgato chegava ao poente e espreitava o lado de lá.

Namoriscando o proibido, seus olhos pirilampiscavam.

Certa vez, inspirou coragem e passou uma perna para o lado de lá, onde a noite se enrosca a dormir.

Foi ganhando mais confiança e, de cada vez, se adentrou um bocadinho.

Até que a metade completa dele já passara a fronteira, para além do limite.

Quando regressava de sua desobediência, olhou as patas dianteiras e se assustou.

Estavam pretas, mais que breu.

Escondeu-se num canto, mais enrolado que o pangolim.  
Não queria ser visto em flagrante escuridão.

Mesmo assim, no dia seguinte, ele insistiu na brincadeira.  
E passou mesmo todo inteiro para o lado de além da claridade.  
À medida que avançava seu coração tiquetaqueava.  
Temia o castigo. Fechou os olhos e andou assim, sobranceiro, noite adentro. Andou, andou, atravessando a imensa noitidão.

Só quando desaguou na outra margem do tempo ele ousou despersianar os olhos. Olhou o corpo e viu que já nem a si se via.  
Que aconteceu? Virara cego?  
Por que razão o mundo se embrulhava num pano preto?

Chorou.  
Chorou.



E chorou.

Pensava que nunca mais regressaria ao seu original formato.

Foi então que ouviu uma voz dizendo:

- Não chore, gatinho.

- Quem é?

- Sou eu, o escuro. Eu é que devia chorar porque olho tudo e não vejo nada.

Sim, o escuro, coitado. Que vida a dele, sempre afastado da luz!

Não era de sentir pena? Por exemplo, ele se entristecia de não enxergar os lindos olhos do bichano. Nem os seus mesmo ele distinguia, olhos pretos em corpo negro. Nada, nem a cauda nem o arco tenso das costas. Nada sobrava de sua anterior gateza.

E o escuro, triste, desabou em lágrimas.

Estava-se naquele desfile de queixas quando se aproximou uma grande gata. Era a mãe do gato desobediente. O gatinho Pintalgato se arredou, receoso que a mãe lhe trouxesse um castigo. Mas a mãe estava ocupada em consolar o escuro. E lhe disse:

- Pois eu dou licença a teus olhos:

fiquem verdes, tão verdes que amarelos.

E os olhos do escuro de amarelaram. E se viram escorrer, enxofrinhas, duas lagriminhas amarelas em fundo preto.

O escuro ainda chorava:

- Sou feio. Não há quem goste de mim.

- Mentira, você é lindo. Tanto como os outros.

- Então porque não figuro nem no arco-íris?

- Você figura no meu arco-íris.

- Os meninos têm medo de mim. Todos têm medo do escuro.

- Os meninos não sabem que o escuro só existe é dentro de nós.

- Não entendo, Dona Gata.
- Dentro de cada um há o seu escuro. E nesse escuro só mora quem lá inventamos. Agora me entende?
- Não estou claro, Dona Gata.
- Não é você que me dá medo. Somos nós que enchemos o escuro com nossos medos.

A mãe gata sorriu bondades, ronronou ternuras, esfregou carinho no corpo do escuro.

E foram carícias que ela lhe dedicou, muitas e tantas que o escuro adormeceu. Quando despertou viu que as suas costas estavam das cores todas da luz.

Metade do seu corpo brilhava, arco-iriscando. Afinal?

O espanto ainda o abraçava quando escutou a voz da gata grande:

- Você quer ser meu filho?

O escuro se encolheu, atarantado.

Filho?

Mas ele nem chegava a ser coisa alguma, nem sequer antecoisinha.

- Como posso ser seu filho se eu nem sou gato?

- E quem lhe disse que não é?

E o escuro sacudiu o corpo e sentiu a cauda, serpenteando o espaço. Esticou a perna e viu brilhar as unhas, disparadas como repentinas lâminas.

O Pintalgato até se arrepiou, vendo um irmão tão recente.

- Mas, mãe:

sou irmão disso aí?

- Duvida, Pintalgatito?

Pois vou-lhe provar que sou mãe dos dois.

Olhe bem para os meus olhos e verá.



Pintalgato fitou o fundo dos olhos da sua mãe, como se se debruçasse num poço escuro. De rompante, quase se derrubou, lhe surgiu como que um relâmpago atravessando a noite.

Pintalgato acordou, todo estremolhado, e viu que, afinal, tudo tinha sido um sonho. Chamou pela mãe. Ela se aproximou e ele notou seus olhos, viu uma estranheza nunca antes reparada. Quando olhava o escuro, a mãe ficava com os olhos pretos. Pareciam encheram de escuro. Como se engravidassem de breu, a abarrotar de pupilas.

Ante a luz, porém, seus olhos todos se amarelavam, claros e luminosos, salvo uma estreitinha fenda preta.

Então, o gatinho Pintalgato espreitou nessa fenda escura como se vislumbrasse o abismo.

Por detrás dessa fenda o que é que ele viu?

Adivinham?

Pois ele viu um gato preto, enroscado do outro lado do mundo.

## ABC

Quando a gente aprende a ler, as letras, nos livros, são grandes. Nas cartilhas - pelo menos nas cartilhas do meu tempo - as letras eram enormes. Lá estava o A, como uma grande tenda. O B, com seu grande busto e sua barriga ainda maior. O C, sempre pronto a morder a letra seguinte com a sua grande boca.

O D, com seu ar próspero de grão-senhor. Etc. Até o Z, que sempre me parecia estar olhando para trás. Talvez porque não se convencesse que era a última letra do alfabeto e quisesse certificar-se de que atrás não vinha mais nenhuma.

As letras eram grandes, claro, para que decorássemos a sua forma. Mas não precisavam ser tão grandes. Que eu me lembre, minha visão na época era perfeita. Nunca mais foi tão boa. E no entanto os livros infantis eram impressos com letras graúdas e entrelinhas generosas. E as palavras eram curtas. Para não cansar a vista.

À medida que a gente ia crescendo, as letras iam diminuindo. E as palavras, aumentando. Quando não se tem mais uma visão de criança é que se começa, por exemplo, a ler jornal, com seus tipos miúdos e linhas apertadas que requerem uma visão de criança. Na época em que começamos a prestar atenção em coisas como notas de pé de página, bulas de remédio e subcláusulas de contrato, já não temos mais metade da visão perfeita que tínhamos na infância, e esbanjávamos nas bolas da Lulu e no corre-corre do Faísca.

Chegamos à idade de ler grossos volumes em corpo 6 quando só temos olhos para as letras gigantescas, coloridas e cercadas de muito branco, dos livros infantis. Quanto mais cansada a vista, mais exigem dela. Alguns recorrem à lente de aumento para seccionar as grandes palavras em manejáveis monossílabos



infantis. E para restituir às letras a sua individualidade soberana, como tinham na infância.

O E, que sempre parecia querer distância das outras.

O R! Todas as letras tinham pé, mas o R era o único que chutava.

O V, que aparecia em várias formas: refletido na água (o X), de muletas (o M), com o irmão siamês(o W).

O Q, que era um O com a língua de fora.

De tanto ler palavras, nunca mais reparamos nas letras. E de tanto ler frases, nunca mais notamos as palavras, com todo o seu mistério. Por exemplo: pode haver palavra mais estranha do que "esdrúxulo"? É uma palavra, sei lá.

Esdrúxula. Ainda bem que nunca aparecia nas leituras da infância, senão teria nos desanimado. Eu me recusaria a aprender uma língua, se soubesse que ela continha a palavra "esdrúxulo". Teria fechado a cartilha e ido jogar bola, para sempre. As cartilhas, com sua alegre simplicidade, serviam para dissimular os terrores que a língua nos reservava. Como "esdrúxulo". Para não falar em "autóctone". Ou, meu Deus, em "seborréia"!

Na verdade, acho que as crianças deviam aprender a ler nos livros do Hegel e em longos tratados de metafísica. Só elas têm a visão adequada à densidade do texto, o gosto pela abstração e tempo disponível para lidar com o infinito.

E na velhice, com a sabedoria acumulada numa vida de leituras, com as letras ficando progressivamente maiores à medida que nossos olhos se cansavam, estaríamos então prontos para enfrentar o conceito básico de que vovô vê a uva, e viva o vovô.

Vovô vê a uva! Toda a nossa inquietação, nossa perplexidade e nossa busca terminariam na resolução deste enigma primordial. Vovô. A uva. Eva. A visão.

Nosso último livro seria a cartilha. E a nossa última aventura intelectual, a contemplação enternecida da letra A. Ah, o A, com suas grandes pernas abertas.

Luís Fernando Veríssimo (Brasil)

## EMBARGO

Acordou com a sensação aguda de um sonho degolado e viu diante de si a chapa cinzenta e gelada da vidraça, o olho esquadrado da madrugada que entrava, lívido, cortado em cruz e escorrente de transpiração condensada. Pensou que a mulher esquecera de correr o cortinado ao deitar-se, e aborreceu-se: se não conseguisse a voltar a dormir já, acabaria por ter o dia estragado. Faltou-lhe porém o ânimo para levantar-se, para tapar a janela: preferiu cobrir a cara com um lençol e virar-se para a mulher que dormia, refugiar-se no calor dela e no cheiro d seus cabelos libertos. Esteve ainda uns minutos à espera, inquieto, a temer a espertina matinal. Mas depois acudiu-lhe a idéia do casulo morno q era a cama e a presença labiríntica do corpo a que se encostava, e, quase a deslizar num círculo lento de imagens sensuais, tornou a cair no sono. O olho cinzento da vidraça foi-se azulando aos poucos, fitando fixo as duas cabeças pousadas na cama, como restos aquecidos de uma mudança para outra casa ou para outro mundo. Quando o despertador tocou, passadas duas horas, o quarto estava claro.

Disse à mulher que não se levantasse, que aproveitasse um pouco mais da manhã, e escorregou para o ar frio, para a humidade indefinível das paredes, dos puxadores das portas, das toalhas da casa de banho. Fumou o primeiro cigarro enquanto se barbeava e o segundo com o café, que entretanto aquecera. Tossiu como todas as manhãs. Depois vestiu-se às apalpadelas, sem acender a luz do quarto. Na queria acordar a mulher. Um cheiro fresco de água-de-colônia avivou a penumbra, e isso fez que a mulher suspirasse de prazer quando o marido debruçou-se na cama para lhe beijar os olhos fechados. E ele sussurrou que não viria almoçar a casa.





Fechou a porta e desceu rapidamente a escada. O prédio parecia mais silencioso que de costume. Talvez do nevoeiro, pensou. Reparara que o nevoeiro era assim como uma campânula que abafava os sons e os transformava, dissolvendo-os, fazendo deles o que fazia com as imagens. Estaria nevoeiro. No último lanço da escada já poderia ver a rua e saber se acertara. Afinal havia uma luz ainda cinzenta, mas dura e rebrilhante, de quartzo. Na berma do passeio, um grande rato morto. E enquanto, parado à porta, acendia o terceiro cigarro, passou um garoto embaçado, de gordo, que cuspiu em cima do animal, como lhe tinham ensinado e sempre via fazer.

O automóvel estava cinco prédios abaixo. Grande sorte ter podido arruma-lo ali. Ganhara a superstição de que o perigo de lhe roubarem seria tanto maior quanto mais longe o tivesse deixado à noite. Sem nunca o ter dito em voz alta, estava convencido de que não voltaria a ver o carro se o deixasse em qualquer extremo da cidade. Ali, tão perto, tinha confiança. O automóvel apareceu-lhe coberto de gotículas, os vidros tapados de humidade. Se não fosse o frio tanto, poderia dizer-se que transpirava como um corpo vivo. Olhou os pneus segundo o deu hábito, verificou de passagem que a antena não fora partida e abriu a porta. O interior do carro estava gelado. Com os vidros embaciados, era uma caverna translúcida afundada sob um dilúvio de água. Pensou que teria sido melhor deixar o carro em sítio onde pudesse fazê-lo descair para pegar mais facilmente. Ligou a ignição, e no mesmo instante o motor roncou alto, com um arfar profundo e impaciente. Sorriu, satisfeito da surpresa. O dia começava bem.

Rua acima, o automóvel arrancou, raspando o asfalto como um animal de cascos, triturando o lixo espalhado. O conta-quilómetros deu um salto repentino para 90, velocidade de suicídio na rua estreita e ladeada de carros parados. Que seria

isto? Retirou o pé de acelerador, inquieto. Por pouco diria que lhe teriam trocado o motor por outro muito mais potente. Pisou à cautela o acelerador dominou o carro. Nada de importância. Às vezes não se controla bem o balanço do pé. Basta que o tacão do sapato não assente no lugar habitual para que se altere o movimento e a pressão. É simples.

Distraído com o incidente, ainda não olhara o marcador da gasolina. Ter-lhe-iam roubado durante a noite, como já não era a primeira vez? Não. O ponteiro indicava precisamente meio depósito. Parou num sinal vermelho, sentindo o carro vibrante e tenso nas suas mãos. Curioso. Nunca dera por essa espécie de frémito animal que percorria em ondas a chapas da carroçaria e lhe fazia estremecer o ventre. Ao sinal verde, o automóvel pareceu serpentear, alongar-se como um fluido, para ultrapassar os que lhe estavam à frente. Curioso. Mas, na verdade, sempre se considerara muito melhor condutor do que o comum. Questão de boa disposição, esta agilidade dos reflexos hoje, talvez excepcional. Meio depósito. Se encontrasse um posto de abastecimento a funcionar, aproveitaria. Pelo seguro, com todas as voltas que tinha que dar antes de ir para o escritório, melhor de mais que de menos. Este estúpido embargo. O pânico, as horas de espera, filas de dezenas e dezenas de carros. Meio depósito. Outros andam a essa hora com muito menos, mas se for possível atestar. O carro fez uma curva balançada, e, no mesmo movimento, lançou-se numa subida íngreme sem esforço. Ali perto havia uma bomba pouco conhecida, talvez tivesse sorte. Como um perdigueiro que acode ao cheiro, o carro insinuou-se por entre o trânsito, voltou duas esquinas e ocupar espaço na fila que esperava. Boa lembrança.

Olho o relógio. Deviam estar à frente uns vinte carros. Nada de exagerado. Mas pensou que seria melhor ir ao escritório e deixar as voltas para a tarde, já cheio o depósito, sem preocupações. Baixou o vidro para chamar um vendedor de



jornais que passava. O tempo arrefecera muito. Mas ali, dentro do automóvel, de jornal aberto sobre o volante, fumando enquanto esperava, havia um calor agradável, como o dos lençóis. Fez mover os músculos das costas, com uma torção de gato voluptuoso, ao lembrar-se da mulher ainda enroscada na cama àquela hora, e recostou-se melhor no assento. O jornal não prometia nada de bom. O embargo mantinha-se. Um Natal escuro e frio, dizia um dos títulos. Mas ele ainda dispunha de meio depósito e ao tardaria a té-lo cheio. O automóvel da frente avançou um pouco. Bem.

Hora e meia mais tarde estava a atestar , e três minutos depois arrancava. Um pouco preocupado porque o empregado lhe dissera, sem qualquer expressão particular na voz, de tão repetida a informação, que não haveria ali gasolina antes de quinze dias. No banco, ao lado, o jornal anunciava restrições rigorosas. Enfim, do mal o menos, o depósito estava cheio. Que faria? Ir directamente ao escritório, ou passar primeiro por casa de cliente, a ver se apanharia a encomenda? Escolheu o cliente. Era preferível justificar o atraso com a visita, a ter de dizer que passara hora e meia na fila da gasolina quando lhe restava meio depósito. O carro estava óptimo. Nunca se sentira tão bem a conduzi-lo. Ligou o rádio e apanhou um noticiário. Notícias cada vez piores. Estes árabes. Este estúpido embargo.

De repente, o carro deu uma guinada e descaiu para a rua à direita, até parar numa fila de automóveis mais pequena do que a primeira. O que fora aquilo? Tinha o depósito cheio, sim, praticamente cheio, porque diabo de lembrança. Manejou a alavanca das velocidades para meter a marcha atrás, mas caixa não lhe obedeceu. Tentou forçar, mas as engrenagens pareciam bloqueadas. Que disparate. Agora avaria. O automóvel da frente avançou. Receosamente, a contar com o pior, engatou a primeira.

Tudo perfeito. Suspirou de alívio. Mas como estaria a marcha atrás quando tornasse a precisar dela?

Cerca de meia hora depois metia meio litro de gasolina no depósito, sentindo-se ridículo sob o olhar desdenhoso do empregado da bomba. Deu uma gorjeta absurdamente alta e arrancou num grande alarido de pneus e acelerações. Que diabo de ideia. Agora ao cliente, ou será uma manhã perdida. O carro estava melhor do que nunca. Respondia aos seus movimentos como se fosse um prolongamento mecânico do seu próprio corpo. Mas o caso da marcha atrás dava que pensar. E eis que teve que pensar mesmo. Uma grande camioneta avariada tapava todo o leito da rua. Não podia contorná-la, não tivera tempo, estava colado a ela. Outra vez a medo, manejou a alavanca, e a marcha atrás engrenou com um ruído suave de sucção. Não se lembrava de a caixa de velocidades ter reagido dessa maneira antes. Rodou o volante para esquerda, acelerou, e de um só arranco o automóvel subiu o passeio, rente aa camioneta, e saiu do outro lado, solto, com uma agilidade de animal. O diabo do carro tinha sete fôlegos. Talvez que por causa de toda essa confusão do embargo, tudo em pânico, os serviços desorganizados tiveram feito meter nas bombas gasolina de muito maior potência. Teria a sua graça.

Olhou o relógio. Valeria ir ao cliente? Por sorte apanharia o estabelecimento ainda aberto. Se o trânsito ajudasse, sim, se o trânsito ajudasse, teria tempo. Mas o trânsito não ajudou. Tempo do Natal, mesmo faltando a gasolina, toda a gente vem para a rua, a empatar quem precisa de trabalhar. E ao ver uma transversal descongestionada, desistiu de ir ao cliente. Melhor seria explicar qualquer coisa no escritório o e deixar para tarde. Com tantas hesitações desviara-se muito do centro. Gasolina queimada sem

proveito. Enfim, o depósito estava cheio. Num largo ao fundo da rua por onde descia viu outra fila de automóveis, à espera de vez. Sorriu de gozo e acelerou, decidido a passar roncando contra os entangidos automobilistas que esperavam. Mas o carro, a vinte metros, obliquou para esquerda, por si mesmo, e foi parar, suavemente, como se suspirasse, no fim da fila. Que cisa fora aquela, se não decidira meter mais gasolina? Que coisa era, se tinha o depósito cheio? Ficou a olhar os diversos mostradores, a apalpar o volante custando-lhe a reconhecer o carro, e nessa sucessão de gestos puxou o retrovisor e olhou-se no espelho. Viu que estava perplexo e considerou que tinha razão. Outra vez pelo retrovisor distinguiu um automóvel que descia a rua, com todo o ar de vir colocar-se na fila. Preocupado com ideia de ficar ali imobilizado, quando tinha o depósito cheio, manejou rapidamente a alavanca para a marcha atrás. O carro resistiu e alavanca fugiu-lhe das mãos. No segundo imediato achou-se apertado entre seus dois vizinhos. Diabo. Que teria o carro? Precisava de leva-lo à oficina. Uma marcha atrás que funcionava ora sim ora não, é um perigo.

Tinha passado mais de vinte minutos quando fez avançar o carro até à bomba. Viu chegar-se o empregado e a voz apertou-se-lhe ao pedir que atesta-se o depósito. No mesmo instante, fez uma tentativa para fugir à vergonha, meteu uma rápida primeira e arrancou. Em vão. O carro não se mexeu. O homem da bomba olhou desconfiado, abriu o depósito, e, passados poucos segundo, veio pedir o dinheiro de um litro, que guardou resmungando. No instante logo, a primeira entrava sem qualquer dificuldade e o carro avançava, elástico, respirando pausadamente. Alguma coisa não estaria bem no automóvel, nas mudanças, no motor, em qualquer sítio, diabo levasse. Ou estaria ele a perder a suas qualidades de condutor? Ou estria doente? Dormira ainda assim bem, não tinha mais preocupações da vida que em todos os outros

dias dela. O melhor seria desistir por agora de cliente, não pensar neles durante o resto do dia e ficar no escritório. Sentia-se inquieto. Em redor de si, as estruturas do caro vibravam rapidamente, não à superfície, mas no interior dos aços, e o motor trabalhava com aquele rumor inaudível de pulmões enchendo e esvaziando, enchendo e esvaziando. Ao princípio, sem saber por quê, deu por que estava a traçar mentalmente um itinerário que o afastasse das outras bombas de gasolina, e quando percebeu o que fazia assustou-se, temeu-se de não estar bom da cabeça. Foi dando voltas, alongando e cortando caminho, até que chegou em frente ao escritório. Pôde arrumar o carro suspirou de alívio. Desligou o motor, tirou a chave e abriu a porta. Não foi capaz de sair.

Julgou que a aba da gabardina se prendera, que a perna ficara entalada na coluna do volante, e fez outro movimento. Ainda procurou o cinto de segurança, a ver se o colocara sem dar por isso. Não. O cinto estava pendurado ao lado, tripa negra e mole. Disparate, pensou. Devo estar doente. Podia mexer livremente os braços e as pernas, flectir ligeiramente o tronco consoante as manobras, olhar para trás, debruçar-se um pouco para a direita, para o cacifo das luvas, mas as costas aderiam ao encosto do banco. Não rigidamente, mas como um membro adere ao corpo. Acendeu um cigarro, e de repente preocupou-se com o que diria ao patrão se assomasse a uma janela e o visse ali sentado, dentro do carro, a fumar, sem nenhuma pressa de sair. Um toque violento de claxon fé-lo fechar a porta, que abrira para a rua. Quando o outro carro passou, deixou descair lentamente a porta outra vez, atirou o cigarro fora e, segurando-se as mãos ambas ao volante, fez um movimento brusco, violento. Inútil. Nem sequer sentiu dores. O encosto do banco segurou-o docemente e manteve-o preso. Que era isto que estava a acontecer? Puxou para baixo retrovisor e olhou-se. Nenhuma diferença no rosto. Apenas uma aflição imprecisa que mal se dominava. Ao voltar a cara para a direita,



para o passeio, viu uma rapariguinha a espreitá-lo, ao mesmo tempo intrigada e divertida. Logo a seguir surgiu uma mulher com um casaco de abafo nas mãos, que a rapariga vestiu, sem deixar de olhar. E as duas afastaram-se, enquanto a mulher compunha a gola e os cabelos da menina.

Voltou a olhar no espelho e compreendeu o que devia fazer. Mas não ali. Havia pessoas a olhar, gente que o conhecia. Manobrou para desencostar, rapidamente, deixando a mão à porta para fechá-la, e desceu a rua o mais depressa que podia. Tinha um fito, um objectivo muito definido que já o tranqüilizava e tanto que se deixou ir com um sorriso que aos poucos lhe abrandara a aflição.

Só reparou na bomba de gasolina quando lhe ia a passar pela frente. Tinha um letreiro que dizia "esgotado, e o carro seguiu, sem o mínimo desvio, sem diminuir a velocidade. Não quis pensar no carro. Sorriu mais. Estava a sair da cidade, eram já os subúrbios, estava perto o sítio que procurava. Meteu por uma rua em construção, virou à esquerda e à direita, até uma azinhaga deserta, entre valados. Começava a chover quando parou o automóvel.

A sua ideia era simples. Consistia em sair de dentro da gabardina, torcendo os braços e o corpo, deslizando para fora dela, tal como faz a cobra quando abandona a pele. No meio de gente não se atreveria, mas, ali, sozinho, com um deserto em redor, só longe a cidade que se escondia por trás da chuva, nada mais fácil. Enganara-se, porém. A gabardina aderiu ao encosto do banco, do mesmo modo que ao casaco, à camisola de lã, à camisa, à camisola anterior, à pele, aos músculos, aos ossos. Foi isso que pensou não pensando quando daí a dez minutos se retorcia dentro do carro, a chorar. Desesperado. Estava preso no carro. Por mais que se torcesse para fora, para a abertura da porta, por onde a

chuva entrava emperrada por rajadas súbitas e frias, por mais que fincasse os pés na saliência alta da caixa de velocidades, não conseguia arrancar-se do assento. Com as duas mãos segurou-se ao tejadilho e tentou içar-se. Era como se quisesse levantar o mundo. Diante dos seus olhos, os limpa-vidros, que sem querer pusera em movimento no meio da agitação, oscilavam com um ruído seco, de metrônomo. De longe veio o apito da fábrica. E logo a seguir, na curva do caminho, apareceu um homem pedalando numa bicicleta, coberto com uma grande folha de plástico preto, por onde a chuva escorria como sobre a pele de uma foca. O homem que pedalava olhou curiosamente para dentro do carro e seguiu, talvez decepcionado ou intrigado, por ver um homem sozinho, e não o casal que de longe lhe parecera.

O que estava a passar-se era absurdo. Nunca ninguém ficara preso dessa maneira no seu próprio carro, pelo seu próprio carro. Tinha de haver um processo qualquer de sair dali. À força não podia ser. Talvez numa garagem? Não. Como iria explicar? Chamar a polícia? E depois? Juntar-se ia gente, tudo a olhar, enquanto a autoridade evidentemente o puxaria por um braço e pediria ajuda aos presentes, e seria inútil, porque o encosto do banco docemente o prenderia a si. E viriam os jornalista, os fotógrafos, e ele seria mostrado metido no seu carro em todos os jornais do dia seguinte, cheio de vergonha como um animal tosquiado à chuva. Tinha de arranjar outra maneira. Desligou o motor e sem interromper o gesto atirou-se violentamente para fora, como quem ataca de surpresa. Nem um resultado. Feriu-se na testa e na mão esquerda, e a dor causou-lhe uma vertigem que se prolongou, enquanto uma súbita e irreprimível vontade de urinar se expandia, libertando interminável o líquido quente que vertia e escorria entre as pernas para piso do carro. Quando tudo isso sentiu, começou a chorar baixinho, num ganido,





miseravelmente, e assim esteve até que um cão, vindo da chuva, veio ladrar-lhe, esqualido e sem convicção, à porta do carro.

Embraiou devagar, com os movimentos pesados de um sonho de cavernas, e avançou pela azinhaga fazendo força para não pensar, para não deixar que a situação se lhe figurasse num entendimento. De um modo vago sabia que teria de procurar alguém que o ajudasse. Mas quem poderia ser? Não queria assustar a mulher, mas não restava outro remédio. Talvez ela conseguisse. Ao menos não se sentiria tão desgraçadamente sozinho.

Voltou a entrar na cidade, atento aos sinais, sem movimentos bruscos no assento, como se quisesse apaziguar os poderes que o prendiam. Passavam das duas horas e o dia escurecera muito. Viu três bombas de gasolina, mas o carro não reagiu. Todas tinham o letreiro de "esgotado". À medida que penetrava na cidade, ia vendo automóveis abandonados em posições anormais, com os triângulos vermelhos colocados na janela de trás, sinal que noutras ocasiões seria de avaria, mas que significava, agora, quase sempre, falta de gasolina. Por duas vezes viu grupos de homens a empurrar automóveis para cima dos passeios, com grandes gestos de irritação, debaixo da chuva que não parara ainda.

Quando enfim chegou à rua onde morava, teve de imaginar como iria chamar a mulher. Parou o carro em frente da porta, desorientado, quase à beira doutra crise nervosa. Esperou que acontecesse o milagre de a mulher descer por obra e merecimento do seu silencioso chamado de socorro. Esperou muitos minutos, até que um garoto curioso da vizinhança se aproximou e ele pôde pedir-lhe, com o argumento de uma moeda, que subisse ao terceiro andar e dissesse à senhora que lá morava que o marido estava em baixo à espera, no carro. Que viesse depressa, que era

muito urgente. O rapaz foi e desceu, disse que a senhora já vinha e afastou-se a correr, com o dia ganho.

A mulher descera como sempre andava em casa, nem sequer lembrara de trazer um guarda-chuva e agora estava entreportas, indecisa, desviando sem querer os olhos para um rato morto na berma do passeio, para o rato mole, de pelo arrepiado, hesitando em atravessar o passeio debaixo da chuva, um pouco irritada contra o marido que a fizera descer sem motivo, quando poderia muito bem ter subido a dizer o que queria. Mas o marido acenava de dentro do carro e ela assustou-se e correu. Deitou a mão ao puxador, precipitando-se para fugir à chuva, e quando enfim abriu a porta e viu diante do seu rosto a mão do marido aberta empurrando-a sem lhe tocar. Teimou e quis entrar, mas ele gritou-lhe que não, que era perigoso, e contou-lhe o que acontecia, enquanto ela encurvada recebia nas costas toda a chuva que caía e os cabelos se lhe desmanchavam, e o horror lhe crispava a cara toda. E viu o marido, naquele casulo quente e embaciado que o isolava do mundo, torcer-se todo no assento para sair do carro e não conseguir. Atreveu-se a agarrá-lo por um braço e puxou, incrédula, e não pode também movê-lo dali. E como aqui era horrível demais para ser acreditado, ficaram calados a olhar-se, até que ela pensou que o marido estava doido e fingia não poder sair. Tinha de ir chamar alguém para o tratar, para o levar aonde as loucuras se tratam. Cautelosamente, com muitas palavras, disse ao marido que esperasse um bocadinho, que ela não tardaria, ia procurar ajuda para ele sair, e assim até poderiam almoçar juntos e ele telefonaria para o escritório a dizer que estava constipado. E não iria trabalhar da parte da tarde. Quer sossegasse, o caso não tinha importância, a aver que não demora nada.

Mas quando ela desapareceu na escada, ele tornou a imaginar-se rodeado de gente, o retrato nos jornais, a vergonha de



se ter urinado pelas pernas abaixo, e esperou ainda uns minutos. E quando em cima a mulher fazia telefonemas para toda a parte, para a polícia, para o hospital, lutando para que acreditassem nela, e não na sua voz, dando seu nome e o do marido, a cor do carro, e a marca, e a matrícula, ele não pôde agüentar a espera e a imaginação, e ligou o motor. Quando a mulher tornou a descer, o automóvel já desaparecera e o rato escorregara da berma do passeio, enfim, e rolava na rua inclinada, arrastado pela água que corria dos algeroses. A mulher gritou, mas as pessoas tardaram a aparecer e foi muito difícil de explicar.

Até o anoitecer o homem circulou pela cidade, passando por bombas esgotadas, entrando em filas de espera sem o ter decidido, ansioso por o dinheiro se lhe acabava e ele não saberia o que poderia acontecer quando não houvesse mais dinheiro e o automóvel parasse ao pé duma bomba para receber mais gasolina. E isso só não aconteceu porque todas as bombas começaram a fechar e as filas de espera que ainda se viam apenas aguardando o dia seguinte, e então o melhor era fugir de encontrar bombas ainda abertas para não ter que parar. Numa avenida muito longa e larga, quase sem outro trânsito, o carro da polícia acelerou e ultrapassou-o, e quando o ultrapassava um guarda fez-lhe sinal para que parasse. Mas ele teve outra vez medo e não parou. Ouviu atrás de si a sireia da polícia e viu, também, vindo não soube donde, um motociclista fardado quase a alcançá-lo. Mas o carro, o seu carro, deu um rondo, um arranco poderoso e saiu, de um salto, logo adiante, para o acesso duma auto-estrada. A polícia seguia-o de longe, cada vez mais longe, e quando a noite se fechou não havia sinais deles, e o automóvel rolava por outra estrada.

Sentia fome. Urinara outra vez, humilhado demais para se envergonhar e delirava um pouco: humilhado, himolhado. Ia

declinando sucessivamente, alterando as consoante e as vogais, num exercício in consciente e obsessivo que o defendia da realidade. Não parava porque não sabia para que iria parar. Mas, de madrugada, por duas vezes, encostou o carro a berma e tentou sair devagarinho, como se entretanto ele e o carro tivessem chegado a um acordo de pazes e fosse a altuar de tirar a prova da boa-fé de cada um. Por duas vezes falou baixinho quando o assento o segurou, por duas vezes tentou convencer o automóvel a deixa-lo sair a bem, por duas vezes num descampado nocturno e gelado, onde a chuva não parava, explodiu em gritos, em uivos, em lágrimas, em desespero cego. As feridas da cabeça e da mão voltaram a sangrar. E ele, soluçando, sufocado, gemendo como um animal aterrorizado, continuou a conduzir o carro. A deixar-se conduzir.

Toda a noite viajou sem saber por onde. Atravessou povoações de que não viu o nome, percorreu longas rectas, subiu e desceu montes, fez e desfez laços e deslaços de curvas, e quando a manhã começou a nascer estava em qualquer parte, numa estrada arruinada, onde a água da chuva se juntava em charcos arrepiados à superfície. O motor roncava poderosamente , arrancando as rodas à lama, e toda a estrutura do carro vibrava, com um som inquietante. A manhã abriu por completo, sem que o sol chegasse a mostrar-se, mas a chuva parou de repente. A estrada transformava-se num simples caminho, que adiante, a cada momento, parecia que se perdia entre pedras. Onde estava o mundo? Diante dos olhos eram serras e um céu espantosamente baixo. Ele deu um grito e bateu com os punhos cerrados no volante. Foi nesse momento que viu que ponteiro do indicador da gasolina estava em cima do zero. O motor pareceu arrancar-se a si mesmo e arrastou o carro por mais vinte metros. Era outra vez estrada para lá daquele lugar, mas a gasolina acabara.

A testa cobriu-se-lhe de suor frio. Uma náusea agarrou nele e



sacudiu-o dos pés a cabeça, um véu cobriu-lhe por três vezes os olhos. Às apalpadelas, abriu a porta para se libertar da sufocação que aí vinha, e nesse movimento, por que fosse morrer ou porque o motor morrera, o corpo pendeu para o lado esquerdo e escorregou do carro. Escorregou um pouco mais, e ficou deitado sobre as pedras. A chuva recomeçara a cair.

José Saramago (Portugal)

## FICHA TÉCNICA

Coordenação - Regina dos Santos Duarte

Compilação dos textos - Carlos Xastre

Colaboração: Alessandra Oliveira, Ana Margarida Ramos, Helena  
Ferreira, Teresa Dangerfield, Vanda Araújo

Arranjo Gráfico: Nuno Silva

